

BLUMA [KALISKA] SZTOKFISZ¹

(Łódź, Polônia, 1934)



Bluma Sztokfisz, s. d.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Sztokfisz/SP; Arqshoah-Leer/USP.

1 Entrevista concedida por Bluma Sztokfisz a Luba Schevz e Lilian Souza. S. Paulo, 13.11.2014. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno. Transcrição: Daniel Loeb. Transcrição: Maria Luiza Tucci Carneiro.

Minhas raízes judaico-polonesas

Meu nome completo é Bluma Kaliska, hoje Bluma Sztokfisz. O nome é complicado, e, por ter muitas consoantes, aprendi a escrevê-lo somente no quarto ano primário: Halina Kaliska. Nasci em 24 de setembro de 1934, na cidade de Łódź, filha de Abraham Kaliska e Mania, pais de três crianças: minha irmã mais velha Sheina Berger, Aron Kaliska e eu.



Łódź, terra natal de Bluma Kaliska.
Google Maps.

Morávamos em Łódź, uma cidade grande na Polónia. Minha mãe era dona de casa e o meu pai trabalhava como representante de uma loja de roupas e costumava viajar para diversas cidades da Polónia vendendo os produtos. Meu pai era de uma família um pouco mais rica do que a de minha mãe. Morávamos em um prédio em Łódź, na Rua Kościół (igreja em polonês), propriedade dos avós paternos. Minha mãe também se chamava Miriam: Miriam Kaliska.

Esse apartamento não era grande coisa, mas moramos lá até o dia em que a fugimos para a Rússia. Quando os alemães ocuparam a Polónia em 1º de setembro de 1939, enforcaram, logo na primeira semana, quatro judeus na rua para a gente ter medo. Eles ficaram ali pendurados por algumas semanas.



Miriam Lefcowicz (Kaliska), mãe de Bluma Kaliska.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Sztokfisz/SP; Arqshoah-Leer/USP.

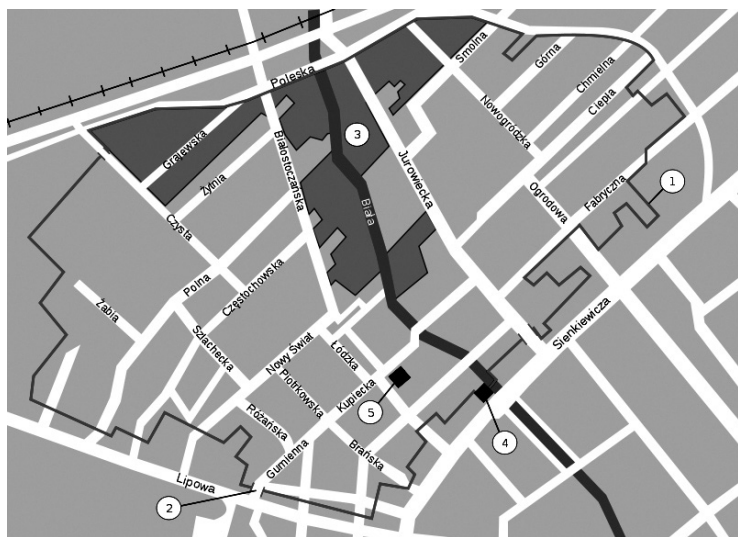
Meu avô paterno se chamava Aron Kaliska e morreu antes do início da guerra na Polônia. Minha avó, então viúva, emigrou para a Palestina com os filhos solteiros, entre 1929 e 1930. Ainda não existia o Estado de Israel. Meu avô materno chamava-se Manoel Lefcowicz e era pai de sete filhos, irmãos e irmãs, entre os quais estava minha mãe. Em 1932, seis deles ainda solteiros vieram ao Brasil, junto com o meu avô. Minha mãe não veio porque já era casada e, quando a guerra começou, tinha filhos para cuidar. Assim, nós permanecemos com os nossos pais em Łódź.

Lá frequentei a escola por dois a três anos até a guerra começar em setembro de 1939. Minha infância foi boa e vivíamos normalmente. Frequentei uma escola pública onde aprendi a ler e escrever o polonês, além de falarmos o ídiche em casa. Na escola eu gostava de representar nas peças de teatro e dançava.

A Polônia ocupada: ruptura

Em 1939, a nossa cidade de Łódź foi tomada pelos alemães, e, a partir daí, começou a perseguição aos judeus. Fomos obrigados a usar a Estrela de David amarela, costurada em nossas roupas como forma de identificação. Começaram a enforcar os judeus na rua para que todos vissem e sentissem medo.^A

Meu pai, que era “meio” comunista, achou que deveríamos fugir. Fomos uma das últimas famílias a fugir de Łódź, buscando refúgio em Białystok, a cerca de 180 quilômetros da cidade de Varsóvia, próxima da fronteira com a Bielorrússia, que passou a fazer parte da URSS entre 1939 e 1941. No entanto, no ano de 1941, foi criado o campo de concentração de Białystok.^B



Planta do gueto de Białystok que funcionou entre 1941 e 1943, sendo dissolvido após o assassinato de prisioneiros pelas forças alemãs de ocupação. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Gueto_de_Białystok#/media/File:Białystok_Ghetto.svg>.

Acesso em: 31 jul. 2017.

Um dia, meu pai quebrou a perna nesse campo de concentração e teria que ficar pelo menos um mês em

A- A ocupação da Polônia pela Alemanha em 1º de setembro de 1939 e o confinamento dos judeus em guetos trazem lembranças traumáticas à memória daqueles que sobreviveram ao Holocausto. A ocupação da cidade de Łódź, assim como de outras tantas cidades da Polônia, fazia parte do plano das autoridades nazistas de tornar a Polónia “livre” ou “limpa” de judeus. Diante das dificuldades de concentrar todos os judeus em um único lugar, optou-se por medidas provisórias: a criação de guetos. Assim aconteceu em Łódź, onde os judeus que moravam ao norte da linha assinalada entre a Rua Listopada, a Praça Wolności e a Rua Pomposa foram confinados em um gueto fechado, deixando o espaço da Praça da Liberdade (Plac Wolności) livre para os alemães. Os judeus em condições de trabalhar foram reunidos em unidades especiais de trabalho, e o gueto ficou sob intensa vigilância com as ruas fechadas com arame farpado e barreiras. O interior do gueto passou a ser administrado por um conselho judaico (*kehila*) presidido pelo judeu mais velho da comunidade (*Judenälteste*). Sobre esse tema, ver SEM-SANDBERG, Steve. *Os destituídos de Łódź*. S. Paulo: Companhia das Letras, 2012.

B- Situada na Europa Oriental, Białystok passou a fazer parte da Polónia independente após a Primeira Guerra Mundial até 1939, quando o país foi invadido pela Alemanha. Entre 1939 e 1941, passou ao controle da URSS, em consequência do pacto de não agressão nazista-soviético, que ficou conhecido como o protocolo secreto do Pacto Ribbentrop-Molotov. Nessa cidade, a maior parte da população era de judeus. Segundo o censo de 1931, residiam ali 91 mil pessoas, sendo 40 mil, quase 43%, de ascendência judaica. Por ocasião da invasão alemã, em 1º de setembro de 1939, o número de judeus havia crescido para 50 mil pessoas. Desde o início, os alemães saquearam, destruíram o patrimônio e exterminaram a comunidade judaica local, que, inicialmente, ficou confinada a um gueto. Em 27 de junho de 1941, mais de dois mil judeus foram aprisionados e incinerados vivos na Grande Sinagoga, a maior construída em madeira da Europa Oriental. No mês de agosto, após o levante do gueto de Białystok, todos judeus ali confinados foram exterminados.



Judeus durante trabalhos forçados em obras públicas.
Białystok, 20.6.1941.

Fotografia: Maltry. German Federal Archives.

Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bundesarchiv_Bild_146-1979-113-12,_Bialystock,_Juden_bei_Stra%C3%9Fenarbeiten.jpg>. Acesso em: 31 jul. 2017.

repouso. Sabia que por isso iriam matá-lo. Uma amiga – cozinheira no gueto que conhecia meu pai de Łódź – escondeu-o e salvou-o. Ela levava comida para ele todos os dias. Depois disso, nunca mais tivemos contato com meu pai e não sabíamos se tinha sobrevivido. Permanecemos confinados em Białystok por um tempo até nos levarem de trem para a Sibéria, onde ficamos pelo menos um ano, até que os alemães começaram a avançar. Então, fomos liberados e fugimos para Tashkent, capital do Uzbequistão, no interior da Rússia.

Nossa vida no interior da Rússia

No caminho para o Uzbequistão, perdemos-nos de nossa mãe. Ela nos achou, mas, mesmo assim, fomos levados para um orfanato onde seguíamos as tradições russas. Nós éramos três crianças: minha irmã Sheina, meu irmão Aron e eu. Não podíamos mais assistir ao *Shabat**. Na escola, aprendi russo, polonês e até inglês. Em 1946, minha irmã mais velha, que já é falecida, foi morar em Israel. Ainda que minha mãe tenha nos encontrado, continuamos a morar no orfanato, pois ela não tinha condições de nos sustentar. No orfanato, nossa mãe vinha nos visitar sempre que podia, trazendo algum agrado, alguma coisa para nos manter

vivos. Quando ela tinha uma frutinha, um doce, alguma coisa, logo trazia para nós. Depois, ela conseguiu um quarto para morar. No orfanato, quando a gente não tinha sapato, se eu fosse de manhã com um calçado, à tarde minha amiga ia com meu sapato e eu ficava sem. Mas tínhamos que dar um jeito para ir à escola. Só não ia quando estava doente. Por isso, não ficamos analfabetos.

Nós estávamos melhor no orfanato do que na rua. Fazíamos apresentações, dançávamos, cantávamos, tínhamos, por assim dizer, uma infância bem normal. Eu tinha mais de 9 anos quando cheguei ao orfanato em 1940 e saí dele em maio de 1946. Todas as mulheres judias, polonesas e também 10% de crianças polonesas católicas voltaram para a Polônia após o final da guerra. A maioria das mulheres judias optou por ir para Israel ou outros países.



Bluma Kaliska, s. d., s. l.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Sztokfisz/SP; Arqshoah-
Leer/USP.

Lembro-me de que as católicas eram nossas amigas. Dávamo-nos bem e não havia discriminação no orfanato. Os professores, assim como os dirigentes do orfanato, eram judeus. Mas a gente frequentava a escola russa, tanto é que falo russo.

Os dirigentes podiam ser comunistas, mas preferiram voltar para a Polônia. Tínhamos um professor que ficou na Rússia porque se casou lá. Mas os outros voltaram para a Polônia. O Shloime, irmão do meu pai, fugiu para a Rússia onde se formou e se casou na Polônia. Teve três filhos, meus primos, mas a gente não tem contato. No orfanato, tínhamos o diretor chamado Kogan, além da cozinheira e da lavadeira. Todos que trabalhavam eram católicos, e muitas mães aceitavam trabalhar lá para ficar perto dos filhos. Havia 10% de católicos e 90% de judeus.

Passei do orfanato russo para o polonês judaico. Crianças judias polonesas tinham em Tashkent um orfanato. Lá a gente estudou. O governo russo nos sustentava. Não lembro o nome do orfanato. Era bom, fiz amizades e comíamos bem. Os nazistas não chegaram lá. Ficamos nesse orfanato até maio de 1946. Um ano depois que a guerra acabou, fomos liberados para voltar à Polônia. Minha irmã Sheina casou-se e

meu irmão Aron ficou comigo. Depois de Łódź, fui viver em um *kibutz* de crianças refugiadas polonesas, a mando do Joint*. Faziam isso para podermos estudar e ter uma infância feliz, com educação. A intenção era nos enviar a Israel.^A



Bluma e as crianças do orfanato. Uzbequistão, Rússia, c. 1946.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Sztokfisz/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Brasil, um refúgio no pós-guerra

Quando terminou a guerra, eu estava com 16 anos. Já era uma moça, mas aparentava ter 12, pois era magra e pequena. Continuei naquele mesmo *kibutz** e não consegui ir para Israel, pela dificuldade de marcar passagem de navio. Soube que tinha parentes da minha família no Brasil, um avô e minhas tias. Nesse tempo, conheci Beny – meu futuro marido – na Áustria. Nós só soubemos que o meu pai estava vivo em 1945, quando a guerra acabou. Tivemos notícias porque minha avó paterna Miriam, que estava na Palestina desde 1929/1930, avisou-nos. Tanto a minha avó paterna como minha mãe chamavam-se Miriam, sendo a minha mãe

A- O Joint, sigla do American Jewish Joint Distribution Committee, inscreve-se como uma das mais importantes instituições judaicas filantrópicas privadas que atuaram na Europa, no Oriente e nas Américas, em prol dos refugiados do nazifascismo a partir de 1933. Além da assistência aos refugiados em trânsito, cuidava também da imigração ao país de destino e do estabelecimento nele. Em Xangai, por exemplo, mantinha um edifício para abrigar, por uns dias, aqueles que chegavam nos navios e lá ficavam aguardando os vistos, como aconteceu com o casal Herta e Max Moser que depois foram para Rolândia (Paraná, Brasil). Jules Sauer, por sua vez, fugiu de Bruxelas e, em Lisboa, foi convocado pelo Joint para trabalhar com os refugiados cujo número crescia dia a dia. Em 1938, na Bolívia, aliado ao jovem austríaco Mauricio Hochschild, o “magnata do estanho”, o Joint financiou a fundação da colônia Buena Tierra. No Brasil, circulou o *Boletim S.O.S Campanha de 1946*, publicado pelo Comitê Auxiliar do Joint. Ver: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Cidadão do mundo: o Brasil diante do Holocausto e dos refugiados do nazifascismo*. S. Paulo: Perspectiva, 2010. p. 132, 152, 155, 291-295, 309, 328, 337, 404, 405.

Vozes do Holocausto

Miriam Kaliska. Meu avô escreveu para minha avó dizendo que estava vivo e nós também escrevemos a ela contando que havíamos sobrevivido. E assim nos comunicamos. A guerra separou muita gente. Terminada a guerra, voltamos para Łódź e de lá fomos para a Alemanha, Áustria e Itália com a ajuda do Joint, que fazia de tudo para nos enviar para Israel. Como Beny tinha tios que moravam no Brasil, ele conseguiu o passaporte, portando uma carta de chamada que liberou também o meu visto de entrada no país. Primeiro, veio Beny com a tia Pole, hoje falecida, que chegou da Itália; a mãe de Mendel, o irmão de Brandt e de Moshe Mandel. Ele tinha mais tios, mas foi a tia que veio buscá-lo. Nesse tempo, ele já era meu namoradinho. Eu tinha avô, mãe e irmã.

Meu avô tinha dois irmãos no Brasil que aqui chegaram com os filhos. Nós não tivemos oportunidade de vir antes da guerra e ficamos com nossos pais na Polônia, em 1932, e depois sob o domínio dos alemães. Foi sorte termos ido para a Rússia, pois, caso contrário, não estaríamos vivos. Crianças de 8, 9 e 10 anos teriam dificuldades para sobreviver. Nós sobrevivemos graças a D'us: meus pais e meus irmãos. Mais uma vez imigramos com a ajuda do Joint. Naquela época, muitos judeus conseguiram imigrar, desde que fossem agricultores. Quem tinha dinheiro para vir para o Brasil sem a ajuda do Joint? Como eu

MODELO S. C. 139.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL 78212
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso LEONARD SOKOL

Admitido em território nacional em caráter permanente
(temporário ou permanente)

Nos termos do art. 9 letra === do dec. n. 1987, de 1945

Lugar e data de nascimento Serock (Polonia), 3/3/1916

Nacionalidade polonesa Estado civil solteiro

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Jan Sokol e Sofia Drassner Sokol Profissão mecânico

Residência no país de origem Não tem. Na Itália; Florença, via S. Firenze

NOME Halina IDADE 14 anos SEXO fem.

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 2281/47 expedido pelas autoridades de Consulado Geral da Polonia em Milao (Italia) em data 20/6/1947

visado sod n. 293 em Livorno em 5 de março de 1948

ASSINATURA DO PORTADOR:
Lehid Leonard Sokol

O CONSUL:
[Assinatura]

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida a máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.



Ficha consular de qualificação de Leonard [James] Sokol concedida pelo consulado-geral do Brasil em Livorno, 5.3.1948.
Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

Bluma [Kaliska] Sztokfisz

era menor de idade, tinha que ser casada ou então irmã de um amigo para conseguir o visto para o Brasil. Por isso não mudei de nome. Fomos ao consulado- geral do Brasil, onde me apresentei como irmã de James Sokol e assim consegui. No Brasil, eu não pude trocar de nome, assinando como Halina Sokol, como estava no meu passaporte. Bluma Kaliska não mais existia. Era o ano de 1949.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL 74372
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **BOLESŁAW SZTOKFISZ**

Admitido em território nacional em caráter **permanente**
(temporário ou permanente)

Nos termos do art. 9.º letra **---** do dec. n.º **7967**, de 1945

Lugar e data de nascimento **Piaski Luterskie (Polónia), 3/6/**

Nacionalidade **polonesa** Estado civil **solteiro** 1926

Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Leonardo Sztokfisz e Leonarda**
Czesława Sztokfisz Profissão **otico mecânico**

Residência no país de origem **Não tem. Na Itália; Florença, via**
Cavour 112

FILHOS
MENORES
DE 18 ANOS

Passaporte n.º **891/3608/47/B** expedido pelas autoridades de **Consulado Geral da**
Polónia em Roma (Itália) data **4/12/1947**

visado sob n.º **149**

Consulado **Livorno** do Brasil
em **Livorno**
23 de **Dezembro** de 19 **47**

ASSINATURA DO PORTADOR:
Boleslaw Sztokfisz

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida a máquina pela autoridade consular,
sendo as duas vias em original.



Ficha consular de qualificação de Boleslaw Sztokfisz concedida pelo consulado- geral do Brasil em Livorno, 23.12.1947.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP

Minha vida no Brasil

Em maio de 1948, embarcamos em Gênova no navio italiano Vera Cruz tendo o Brasil como destino. Primeiramente, antes de vir para S. Paulo, fui morar no Rio de Janeiro com toda a minha família. Meu avô e seus filhos (irmãos do meu pai) – que estavam no Brasil desde 1932 – tinham alterado o sobrenome para Costa, pois estavam preocupados com a perseguição aos judeus, como na Europa. Lembro que meu avô veio como Lefcowicz.

Depois viemos para S. Paulo, permanecemos na cidade por dois anos até que a família de Beny decidiu que precisávamos casar. Se não casasse, eu iria para Israel onde tinha muitos conhecidos do orfanato: amigas, amigos, irmã... todo mundo. Portanto, eu tinha motivos

Vozes do Holocausto

para querer ir para Israel. Beny, que também era polonês, da mesma cidade de meus pais, queria se casar. Aí nos casamos no dia 24 de setembro de 1949 e constituí família em S. Paulo: tivemos quatro filhos – Charles, Sami, Celso e Silvio.

No início da nossa vida em S. Paulo, morei na Rua Guarani, numa casa bem feia, velha. Como meu marido era esforçado, a gente começou a progredir. Mudamos para um apartamento melhor e os filhos foram nascendo e trazendo – como se diz – sorte! Cada filho trazia sorte. E a gente foi melhorando, mudando de casa, melhorando de finanças de trabalho e muita coisa.



Bluma e o marido Bolesław Sztokfisz, s. d.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Sztokfisz/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Em 1994, pude voltar a Łódź. A rua onde morávamos ainda existe. Fui até lá e reconheci meu prédio que estava inteiro. O que não existia mais era o número 5. Mas o mesmo prédio está lá, não foi bombardeado. Só que eu não conhecia mais ninguém, pois eu era pequenina quando lá morei. Não me recordava dos nomes dos nossos vizinhos nem queria que me reconhecessem. Tinha medo que pensassem que estava querendo o nosso apartamento. Eu não queria nem me apresentar. Só que assim que entrei reconheci, pois já era grandinha. Mas não tive nenhum sentimento para lá ficar, pois nem todas as lembranças eram boas.

Aquela era a pátria que tinha quando ia para a escola, mas que perdi. Éramos crianças pobres. Lembro-me de que, no *Rosh Hashaná** (Ano-Novo judaico) e no *Pessach** (Páscoa judaica), minha mãe conseguia fazer uma roupa nova para a gente, e isso era uma festa, não estávamos acostumados a coisa melhor. Lembro-me até hoje de que, na Páscoa, limpávamos e/ou “queimávamos” as panelas para a festa. Não éramos uma família muito religiosa, mas minha mãe mantinha um pouco das tradições judaicas.

Ao mesmo tempo, recordo-me daquelas pessoas enforcadas penduradas na praça e, também, de quando não podíamos sair à rua sem a estrela de David. Lembro-me de que a gente tinha horário para sair e horário para voltar, com prazo máximo. A gente deixou de ir à escola em setembro, pois os alemães entraram na Polônia naquele mês, e em novembro fugimos para a Rússia. Se a gente não tivesse fugido, não estaríamos vivos hoje. Nós fomos os últimos a atravessar a fronteira, onde ficamos três noites até conseguirmos atravessar em direção à Rússia. Dormimos no chão, deitados, esperando abrir. E como era muita gente, muitas crianças, eles, com pena, ainda abriram a última fronteira.

Conseguí estudar, embora não tenha conseguido concluir os estudos. Não sei direito quando concluí, mas sempre frequentei a escola. O europeu valoriza a educação.

Só fui ver meu pai depois que eu já estava casada havia 18 anos. Meu pai ficou em Israel com uma outra mulher, mas eu o visitei antes, quando estive pela primeira vez em Israel, em 1968. Nesta fotografia, a lembrança de um momento feliz, ao seu lado. Ele tinha 70 anos quando morreu.



Bluma Kaliska e o pai, Abraham Kaliska, em Israel, s. d.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Sztokfisz/SP; Arqshoah-Leer/USP.